

Eça de Queirós no Suplemento Literário de Minas Gerais**Cristiane NavarreteTOLOMEI***

Resumo: O artigo em questão traz à baila o resultado de pesquisa inédita acerca da recepção do autor português Eça de Queirós no *Suplemento Literário de Minas Gerais* (SLMG), de 1966 a 2016. Para a realização da pesquisa, visitamos três centros de referências: a coleção literária e cultural da Secretaria Estadual de Cultura, de Minas Gerais; a coleção de obras raras da biblioteca da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Minas Gerais; e a coleção eletrônica do *Suplemento Literário de Minas Gerais*. Após a realização da pesquisa de campo, analisamos o papel do SLMG no cenário do jornalismo cultural no Brasil, verificando, sobretudo, a participação na divulgação da literatura portuguesa, em especial, Eça de Queirós. Além disso, apresentamos os dados da pesquisa e a catalogação e análise das publicações sobre a vida e obra do autor realista no periódico mineiro no período proposto.

Palavras-chave: Eça de Queirós. *Suplemento Literário de Minas Gerais*. Fontes Primárias. Periódicos.

Eça de Queirós in *Suplemento Literário de Minas Gerais*

Abstract: This article brings to light the result of an unpublished research about the reception of the Portuguese author Eça de Queirós in the *Suplemento Literário de Minas Gerais* (SLMG), from 1966 to 2016. For the accomplishment of the research, we visited three reference centers: the literary collection and cultural organization of Culture Secretary of Minas Gerais State; the collection of rare works from the library of Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais; and the electronic collection of the *Suplemento Literário de Minas Gerais*. After conducting the field research, we analyzed the role of SLMG in the scenario of cultural journalism in Brazil, verifying, above all, the participation in the dissemination of Portuguese literature, especially Eça de Queirós. In addition, we present the research data and the cataloging and analysis of the publications on the life and work of the realist author in the *mineiro* periodical during the proposed period.

* Professora Doutora – Coordenação de Letras e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade – Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís, Brasil. Av. dos Portugueses, nº 1966, Cidade Universitária, Bacanga. | CEP 65.080-805 | São Luís – MA

Keywords: Eça de Queirós. *Suplemento Literário de Minas Gerais*. Primary Sources. Journals.

Introdução

O artigo em questão é um recorte das pesquisas realizadas pelo "Grupo de Estudos e de Pesquisa Literatura, História e Imprensa" (GEPELHI/UFMA/CNPq/FAPEMA), que se preocupa com a identificação e organização em meio impresso e digital de jornais e revistas circunscritos ao território brasileiro. Realizamos a catalogação e análise de material acerca da presença da literatura portuguesa nos periódicos brasileiros, com o intuito de verificar as questões literárias, historiográficas e biográficas em torno dos escritos e escritores portugueses a fim de poder compreender o contexto de produção e publicação do período e observar a atuação dos autores portugueses na/para formação da literatura brasileira.

Para este artigo, trazemos de forma inédita, o resultado de pesquisa sobre as perspectivas críticas acerca do escritor português Eça de Queirós na seção "Ensaio" do *Suplemento Literário de Minas Gerais*, entre 1966 (data da primeira publicação) e 2016, isto é, percorremos 50 anos de jornal e encontramos 31 ensaios sobre o autor português apenas na primeira fase do periódico, ainda sob responsabilidade da Imprensa Oficial de Minas Gerais, entre 1966 e 1992. Curiosamente e infelizmente, o *SLMG* não publicou nenhuma página nos decênios de 1990 e 2000 sobre Eça, contrariando as nossas expectativas. Todavia, publicou textos de grande qualidade para serem inseridos na fortuna crítica queirosiana brasileira.

Notamos, por intermédio da pesquisa ao periódico, que a ausência do realismo português e, de forma mais específica, de Eça de Queirós, nos últimos 20 anos, se deu pelo interesse maior pela produção literária brasileira modernista e contemporânea. Na verdade, esperávamos com ansiedade as comemorações em torno dos centenários de *O Crime do Padre Amaro* (1976), de *Os Maias* (1988), da morte do escritor e de *A Ilustre Casa de Ramires* (2000) e, por último, de *A Cidade e as Serras* (2001), contudo, nada foi escrito a respeito dessas efemérides. Enquanto outros jornais comemoravam essas datas, como foi possível verificar em outras pesquisas do GEPELHI em *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e vários periódicos maranhenses, o *SLMG* se calou diante de datas tão significativas da literatura de língua portuguesa.

Para a realização desta pesquisa, mesmo apresentando problemas técnicos na sua página da internet, utilizamo-nos da coleção eletrônica do *Suplemento Literário de Minas Gerais*. O projeto "*Suplemento Literário - Preservação, digitalização e microfilmagem do acervo, de 1966 a 2004*" desenvolvido, desde 1997, pela Biblioteca da Faculdade de Letras

(FALE), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), possibilitou a consulta eletrônica do periódico, uma vez que indexou, digitalizou e microfilmou 1.282 fascículos, abrangendo o período de setembro de 1966 a setembro de 2004. A partir de então, 22 textos publicados no *Suplemento* desde a década de 1960 até setembro de 2004 podem ser consultados, copiados e/ou impressos via internet. O levantamento do *corpus* também se deu de forma presencial com visitas à coleção literária e cultural da Secretaria Estadual de Cultura, de Minas Gerais e à coleção de obras raras da biblioteca da Faculdade de Letras, da UFMG.

Logo, apresentamos, neste texto, um breve percurso do *Suplemento Literário de Minas Gerais* e a recepção crítica a respeito de Eça de Queirós no período pesquisado. Ressaltamos que a presente pesquisa, justifica-se por constituir uma dupla contribuição: de um lado, traz reflexões acerca de Eça de Queirós no *Suplemento Literário de Minas Gerais*; de outro lado, os resultados obtidos do *corpus* trazem, certamente, um conjunto de subsídios para novos ângulos de análise e interpretação da obra ficcional do autor português.

SLMG: uma voz importante do jornalismo cultural brasileiro

Os jornalistas especializam-se em política, economia, cultura, ciência, educação e mais do que meramente descrever os assuntos, realizam, em vários momentos, análises e interpretações. Em vista disso, podemos dizer, de alguma maneira, que a imprensa brasileira de referência – mensal, quinzenal, semanal e diária – implementou um modelo especializado e analítico de jornalismo. Um jornalista especializado domina melhor as temáticas e tem qualificação para interpretar e analisar os acontecimentos que noticia, exatamente, como ocorre no *Suplemento Literário de Minas Gerais (SLMG)*, de Belo Horizonte.

Quando foi criado, em 3 de setembro de 1966, o *Suplemento Literário de Minas Gerais* era publicado semanalmente numa tiragem de 27 mil exemplares, como encarte das edições de sábado do jornal institucional do Estado, o *Minas Gerais*, o que perdurou até 1992. Os primeiros redatores da publicação foram Murilo Rubião, Laís Correa de Araújo e Ayres da Mata Machado Filho, tendo inúmeros colaboradores, entre escritores e críticos renomados, como também os jovens que acabaram formando o grupo da "Geração Suplemento".

O *SLMG* surgiu no Governo de Israel Pinheiro, a partir de uma necessidade regional de levar informações para aproximadamente 200 municípios de Minas Gerais, os quais não recebiam jornais ou notícias do seu estado e do país. O jornal que chegava a essas localidades era o *Minas Gerais*, órgão oficial, o qual trazia em suas páginas leis, decretos e

atos administrativos. Diante da escassez de informações e de cultura no *SLMG*, o governador solicitou ao diretor da Imprensa Oficial, Raul Bernardo de Senna, que organizasse uma seção de notícia e outra de literatura.

O escritor mineiro Murilo Rubião, ao tomar conhecimento dessa decisão de Israel Pinheiro, sugeriu a criação de um suplemento literário. Um mês depois, no dia 3 de setembro de 1966, surgia como encarte do Diário Oficial do Estado o primeiro número do *Suplemento Literário de Minas Gerais*, tendo Murilo Rubião como secretário da publicação e Paulo Campos Guimarães na direção da Imprensa Oficial.

No texto de "Apresentação", do número de inauguração, as diretrizes do suplemento foram apresentadas ao público-leitor, orientações que perduram há 50 anos:

Cumprindo mais uma etapa de seu atual programa de renovação, o "Minas Gerais" lança hoje o "Suplemento Literário" de publicação semanal e que circulará regularmente com a edição de Sábado. A função profícua de "Órgão Oficial dos Poderes do Estado" em nada contraria o propósito de apresentar êste jornal caráter mais amplamente informativo como os outros [...] Na sua simplicidade, o título escolhido para esta nova secção do "Minas Gerais", contém o essencial de um programa consciente. Deliberamos reivindicar a importância da literatura, freqüentemente negada ou discutida. Para começar tomamos o termo na acepção mais ampla. Nessa ordem de idéias, o "Suplemento Literário" vai inserir não só poesia, ensaio e ficção em prosa, mas também a crítica literária, a de artes plásticas, a de música. Sem negligenciarmos os aspectos universais da cultura, queremos imprimir a estas colunas feição predominantemente mineira, assim no estilo de julgar e escrever, como na escolha da matéria publicável. (*SLMG*, 1966, p. 2).

Conforme o programa publicado no exemplar número 1, o *SLMG* divulga o seu objetivo de acolher em suas páginas tanto colaboradores ilustres das letras brasileiras e estrangeiras, como também ser um local de abertura aos novos escritores e críticos. Ademais, mesmo tendo como foco a divulgação da produção cultural e literária de Minas Gerais, o *SLMG* também divulgou, de forma significativa, a literatura estrangeira, especialmente a de língua portuguesa, como foi possível verificar na intensa publicação sobre a literatura portuguesa e africana de língua portuguesa desde a sua criação até hoje.

Após um ano de existência, o *SLMG* estava bem vivo e a primeira página surge intitulada "Um ano de participação e diálogo", ilustrando a conquista do período. Também publicaram um encarte especial, comemorando o primeiro ano de *SLMG*, simbolizando a força e a união do grupo mineiro.

No Editorial do número comemorativo, mais uma vez foram colocadas ao leitor as intenções do *SLMG*, dando destaque à cultura e à literatura brasileira, em especial, a mineira.

Desde o início procuramos valorizar a autêntica literatura e permanecemos abertos, embora sem concessões, aos fatos novos que assinalam a atual etapa do processo vivo das letras e das artes no país e no mundo. Em verdade, o que o SUPLEMENTO LITERÁRIO realizou ao longo do seu primeiro ano de circulação não foi outra coisa senão o objetivo de tornar presente no panorama da cultura brasileira a participação mais efetiva de Minas, através de um diálogo em que nós mineiros, ao mesmo tempo que fizéssemos ouvir a nossa mensagem, recebêssemos em troca a contribuição de outras vertentes do pensamento e do espírito criador, representativas dos diferentes centros intelectuais que se situam além de nossas fronteiras. Dentro dessa orientação, evitamos centralizar a nossa atividade numa direção regional e particular. (SLMG, 1967, p. 1).

As comemorações foram sucessivas e as transformações do *SLMG* também foram ocorrendo. Na publicação dos 15 anos do suplemento, em setembro de 1981, a primeira página traz as 14 anteriores, comemorando anualmente a presença sólida e marcante do *SLMG* no país. Outro momento comemorativo e importante do *SLMG* foi marcado pela publicação do número 1.000, com a maior quantidade de páginas até então, 40 no total, do dia 30 de novembro de 1985. E o conteúdo dessa publicação dos mil números girou em torno das capas e textos polêmicos que tinham dominado as páginas do *SLMG* até aquele momento. Ademais, uma homenagem ao grande mentor do suplemento, Murilo Rubião.

Nos anos 60, 70 e 80, apesar de sempre haver mudanças entre os colaboradores, o *Suplemento* contou com um grupo permanente, assim, muitas matérias continuavam por vários números. O grupo inicial, além de Rui Mourão, Ayres da Mata Machado Filho, Bueno de Rivera, Emílio Moura, Affonso Ávila, Laís Corrêa de Araújo, contava com Fábio Lucas, Humberto Werneck, Carlos Roberto Pellegrino, Valdimir Diniz, João Paulo Gonçalves da Costa, Jaime Prado Gouvêa, Francisco Iglesias, Adão Ventura, Paulinho Assunção e tantos outros que foram entrando e saindo no decorrer das publicações e do crescimento do periódico.

O *SLMG* circulou, desde sua primeira publicação até 1988, com o mesmo formato de 40 x 26 cm, alternando apenas o número de páginas entre 12 e 16. O número de colunas variava entre três e cinco. A partir de 18 de julho de 1986, o *Suplemento Literário*, que era de circulação semanal, passou a ser quinzenal, no primeiro e terceiro sábado de cada mês, publicado com um número que variava entre 12 e 20 páginas, nas quais se destacavam os artigos de crítica e de criação literária, além de ter um espaço reservado ao teatro, à música, ao cinema e às artes plásticas.

Antes da modernização do *SLMG*, ainda na década de 1980, as páginas não tinham uma divisão muito clara. As matérias apareciam misturadas, os textos eram numerosos, longos e escritos com letras de tamanho pequeno. Esta diagramação dificultava a leitura e as páginas apresentavam-se muito cheias.

Melhor qualidade gráfica, mais presteza na publicação, simplificação ponderável, racionalização do trabalho, significativa economia de gastos, eis algumas das vantagens do sistema ofsete. Lançando agora o primeiro número do Suplemento Literário com o novo feito, a Imprensa Oficial está desejando apresentar uma amostra de como será o “Minas Gerais” impresso em ofsete. (SLMG, 1980, p. 1).

É importante salientar que o *Suplemento Literário de Minas Gerais*, até início da década de 1990, circulava como encarte do Diário Oficial do Estado, daí o nome Suplemento Literário do “Minas Gerais”, pelo qual ficou conhecido popularmente. Em 1994, desliga-se da publicação do Diário Oficial, tornando-se um Suplemento autônomo, editado pela Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais, por intermédio da Superintendência de Publicações e do Suplemento Literário. A partir daí, denomina-se *Suplemento Literário de Minas Gerais*, impresso com o apoio da Imprensa Oficial do Estado.

Em julho de 1994, a primeira capa ilustra nitidamente essa modificação e surge de forma simbólica a imagem de D. Quixote de la Mancha, guiando os primeiros passos desse novo formato do *SLMG* que, mesmo com mudanças estruturais no início do século XXI, mantém as diretrizes dessa segunda fase do periódico.

Em 2011, para comemorar os 45 anos do *SLMG*, houve uma exposição intitulada “45 anos do *SLMG*: uma história através das capas” – que reuniu algumas das “primeiras páginas” de edições especiais, ao longo dos anos. A montagem da exposição, no Palácio das Artes, foi feita pela Superintendência de Museus e Artes Visuais. Durante o evento, lançaram a edição 1.337 da segunda fase do periódico (julho/agosto), que contém o dossiê 45 anos do *SLMG*.

Atualmente, com periodicidade bimestral e com um *designer* mais arrojado, o *Suplemento Literário* é editado pelo escritor **Jaime Prado Gouvêa** e o conselho editorial é formado por Eneida Maria de Souza, Humberto Werneck, Sebastião Nunes, Carlos Wolney Soares e Fabrício Marques. Além disso, é composto por duas diretorias: 1) **Diretoria de Apoio Técnico à Produção do Suplemento Literário**, que tem por finalidade gerir as atividades de edição e distribuição do jornal, bem como propor, formular e executar programas de divulgação e promoção do *SLMG*; 2) **Diretoria de Promoção e Articulação Literária**, cuja finalidade é gerir o “**Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura**”.

O *SLMG* é um dos grandes destaques do jornalismo cultural no Brasil. Sua importância deriva não só como órgão de efetiva produção literária de um período da literatura brasileira, como também da literatura portuguesa, uma vez que mesmo sendo criado para suprir a falta de notícias em regiões mineiras, onde não chegavam jornais, funciona até hoje como um espaço de publicação da produção cultural e literária de língua portuguesa. Nesse sentido, comprovamos, nos 50 anos percorridos, em especial na primeira

fase do *SLMG*, a presença marcante da Literatura Portuguesa e de nomes como Camões, Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós, Fernando Pessoa, entre muitos outros, privilegiando a maneira como esses escritores enalteciam com sua literatura a nação portuguesa e seu idioma.

Podemos salientar, também, que o *Suplemento Literário de Minas Gerais* foi muito além de suas incumbências iniciais que era levar cultura a certas regiões mineiras e passou a configurar um espaço universal e, acima de tudo, legítimo para a expressão dos escritores brasileiros, portugueses e africanos de língua portuguesa. Como porta-voz da cultura e da literatura, o *SLMG* recebeu de braços abertos os intelectuais e escritores lusitanos, que ganharam um papel fundamental no periódico, divulgando e sendo divulgados, como no caso de Eça de Queirós, quem no passado nos apresentou a verdade sob o manto da fantasia e que modernamente passa a ser desvendado pelo manto do jornalismo mineiro.

Eça de Queirós destaque no Brasil

O escritor português José Maria Eça de Queirós (1845-1900) é uma figura que ocupa há muito tempo e de forma ininterrupta o centro da vida cultural brasileira. Desde que surgiu ainda jovem na *Gazeta de Portugal* e na *Revolução de Setembro*, em 1866, a escrita queirosiana passou a ser comentada de forma instigante e curiosa, como é possível notar em uma das primeiras críticas realizadas ao autor pelo fundador da *Gazeta*, Teixeira de Vasconcelos: "Tem talento este rapaz, é pena ser completamente doido, ter estado em Coimbra, meter nos seus contos, sempre, dois cadáveres amando-se num banco do Rocio, e... escrever francês!" (REIS, 1970, p. 8).

Os primeiros escritos de Eça causaram alvoroço em diversos periódicos na sua época, tanto pelo fato de ele cultivar uma linguagem inovadora quanto por mesclar características de Hugo, Baudelaire e Heine. Quem destacou essa repercussão negativa do público intelectual às inovações de Eça das últimas décadas do século XIX foi o queirosiano Clóvis Ramalhete (1942):

Lançando-se como folhetinista, pelas colunas famosas da *Gazeta de Portugal*, Eça levantou sobre si uma onda de riso. Escrevia numa linguagem nova, afrancesada, tumultuosa. Seus folhetins hoffmaneanos criavam mundos de fantasia demente, de quimera delirante. Neles vogavam germanismos tomados de empréstimo a Heine, envoltos em véus brancos e fofos de abstração – druidas, Margarida e Fausto, cerveja de Heidelberg, baladas da Turíngia e o abade de Tritheim “vendendo a alma pelo segredo da circulação do sangue”. Foi um coro de risadas! Ele, porém, seguiu indiferente, com uma convicção imperturbada e invejável. (RAMALHETE, 1960, p. 46-47).

Contudo, a crítica jornalística mais significativa até o momento acerca das publicações de Eça, especialmente *O Crime do Padre Amaro* (1876) e *O Primo Basílio* (1878), foi a do escritor brasileiro Machado de Assis nas páginas de *O Cruzeiro*, em 16 de abril de 1878, a qual iremos retomar mais adiante.

Dessa forma, após a publicação de Machado no periódico carioca, Eça conseguiu um lugar de destaque no cenário brasileiro, ganhando muitos admiradores, seguidores e, sem dúvida, opositores.

Já no início do século XX, embora marcado pelo Modernismo com o lema "morte ao passadismo", tanto em Portugal como no Brasil, Eça foi a grande imagem da vida literária e cultural, sendo foco de fervorosos debates, conflitos e elogios em diferentes periódicos daquele momento. Segundo Ramalhete, o autor português se revelava na presença invisível a imagem mais presente do que nunca para a crítica e ao público leitor.

A verdade é que o público leitor dispensa teorias de correntes estéticas para achar Tórsio engraçado ou Pacheco uma boa descoberta. Eça de Queirós continuou das vitrinas para as mãos de todos os tratamentos. Caminhou ao encontro das mais diversas compreensões. E lá seguiu, ainda satisfazendo e fazendo rir, ou pelo trecho picante de *O Primo Basílio* que fez Oliveira Martins corar, ou pelo impagável Damaso assinando a retratação com João da Ega, ou pela forte beleza da vida de S. Cristóvão. (RAMALHETE, 1960, p. 26).

A partir desse momento, de maneira ostensiva, Eça passou a ocupar lugar de destaque nos diferentes periódicos e seu nome é pronunciado no cenário popular e intelectual não só em Portugal, mas no mundo todo, sobretudo no Brasil, até hoje.

Ontem como hoje, cem anos após a sua morte, Eça é lido, relido e estudado por brasileiros e portugueses com idêntico interesse. Uma tal perenidade é sinal indiscutível da elevada dimensão artística e da atualidade da obra queirosiana. Exatamente porque produziu arte através da linguagem obsessiva e penosamente trabalhada até ao último momento da publicação, é que Eça de Queirós se mantém atual e continuamos, brasileiros e portugueses, a lê-lo com paixão. A atualidade e a perenidade de um escritor decorrem sobretudo da capacidade de os seus textos gerarem sempre novos leitores, produzirem ao longo dos tempos novas interpretações, convidarem à constante revisitação. (LIMA, 2000, p. 10).

Mais de 8000 itens – entre livros, capítulos de livros, artigos, resenhas, reportagens, notas, entrevistas – produzidos entre 1866 e 1976 foram catalogados pelo renomado queirosiano Ernesto Guerra da Cal (1975) e no que diz respeito à crítica literária, os textos queirosianos foram e têm sido objeto de estudo das mais diversas vertentes e servido à aplicação de todas as teorias e modas críticas que surgiram nas últimas décadas:

biografismo, psicopatologia, *New Criticism*, estruturalismo, marxismo, estética da recepção e teorias pós-modernas. De acordo com Alfredo Campos Matos (2002), a recepção crítica sobre Eça “[...] apresenta matéria profundamente discrepante e contraditória.” (p. 214).

Ao examinar a recepção da obra queirosiana, é de suma importância compreender os diferentes projetos críticos individuais em relação uns com os outros, em movimento e conflito, já que a variedade e a complexidade não só permite suscitar, mas também acolher reações tão diversas e às vezes tão díspares a respeito de Eça, criando uma fortuna crítica eclética e complexa, apresentando posicionamentos que podem migrar entre repetição, reafirmação, progressão e silenciamento de certas percepções ao longo do tempo.

Acreditamos que tanto a produção quanto a recepção de Eça dizem respeito a um texto formado por dispositivos móveis, cujos sentidos podem modificar-se consideravelmente a partir do ângulo de visão (cultural, ideológico, social), e também pelo posicionamento espaço-temporal do intérprete.

Ao longo do século XX, muitos estudos procuraram organizar esse conjunto numeroso e diversificado de textos e intérpretes, que compõem uma das fortunas críticas mais extensas e variadas da literatura portuguesa. Por exemplo, o primeiro repertório mais sério e sistemático de e sobre Eça é de 1922, de Albino Sampaio, intitulado *Eça de Queiroz, subsídios para a sua bibliografia*; no contexto do centenário de nascimento do escritor, em 1945, Victor de Sá, em Portugal, publicou *Bibliografia Queirosiana*, a qual dá continuidade ao trabalho de Albino; no mesmo ano, no Brasil, Antônio Simões dos Reis publicou *Eça de Queiroz no Brasil*, coletânea de publicações brasileiras sobre o autor português; e José Pedro Leite Cordeiro publicou *Eçaiana*, um levantamento cronológico dos textos de Eça com comentários.

Há também algumas sínteses sobre a fortuna crítica queirosiana publicadas em Anais de Encontros e Congressos tais como o de Elza Miné denominado "A recepção de Eça de Queirós no Brasil" e de Rosane Gazolla Feitosa intitulado "A recepção crítica de Eça de Queirós/Fradique Mendes no Pré-Modernismo Brasileiro: jornal paulistano O Pirralho", partes de trabalhos acadêmicos, por exemplo, dois de Alfredo Campos Matos intitulados "Uma doença chamada 'Ecite'" e "A recepção crítica de Eça de Queiroz no seu tempo" e teses como a nossa denominada *Eça de Queirós e os brasileiros*, a qual resultou em livro intitulado *A recepção de Eça de Queirós no Brasil: Leituras do Século XX*, de 2014.

Além do ambiente acadêmico, há reflexões importantes sobre a vida e a obra de Eça nos meios de comunicação de massa e o jornal destaca-se por seu caráter dinâmico, diário e contínuo com diversos pontos de vista, distribuídos por seções variadas.

O diálogo entre jornalismo e literatura ocorre com frequência desde o século XIX. Grandes personalidades das letras marcaram presença na imprensa antes de se consolidar

como escritores ficcionais tais como Machado de Assis, no Brasil, e Eça de Queirós, em Portugal. Desse modo, a literatura surge na imprensa não somente por meio de textos literários (poesia, crônica, contos), mas também nos espaços dedicados à análise e à crítica literária e do cotidiano (resenha crítica, ensaio, entrevista, artigo de opinião).

O periódico que trata da literatura é chamado de jornalismo cultural e abre espaço para discutir cinema, música e artes plásticas de forma mais duradoura e se distancia dos cadernos de economia e política, por exemplo, os quais apresentam uma sobrevivência em curto prazo. À vista disso, por ter uma existência mais longa, o jornalismo cultural visa a manusear o conhecimento por meio de uma atitude mais "analítica" e não apenas "informativa" e "descritiva" como os demais, o que a possibilita reviver informações passadas, revisitando, no caso, grandes escritores.

Diante de tais informações, apresentamos, a seguir, a recepção crítica de Eça de Queirós no periódico *Suplemento Literário de Minas Gerais (SLMG)*, de Belo Horizonte, de 1966 a 2016. Nos 50 anos percorridos, encontramos 31 ensaios que foram escritos por nomes importantes dos estudos relacionados à literatura portuguesa e, em especial, sobre Eça de Queirós.

Ensaio: um território múltiplo sobre Eça de Queirós

Os ensaios, enquanto sítios de significação, levam-nos a pensar na confluência do texto (ordem da formulação), na memória (o interdiscurso) e na circulação dos sentidos (ORLANDI, 2001). Também, sua estrutura não se configura na continuidade, mas sim na interrupção, na própria possibilidade de manter o conflito em suspenso. Para Adorno (2006):

Escreve ensaisticamente quem compõem experimentando; quem vira e revira seu objeto, quem o questiona e o apalpa, quem o prova e o submete à reflexão; quem o ataca de diversos lados e reúne no olhar de seu espírito aquilo que vê, pondo palavras o que o objeto permite vislumbrar sob as condições geradas pelo ato de escrever. [...]. Sempre referido a algo já criado, o ensaio jamais se apresenta como tal, nem aspira a uma amplitude cuja totalidade fosse comparável à da criação. (ADORNO, 2006, p. 35).

Nesse sentido, segundo Adorno, levar em conta o ensaio como forma está atrelado ao próprio conceito de ensaio como treino ou tentativa. A forma do ensaio, de acordo com as reflexões do autor supracitado, não pretende constituir-se na completude, ou seja, o ensaio não é um gênero no qual se pretende esgotar todas as possibilidades de análise de um fato ou problemática.

No *Suplemento Literário de Minas Gerais*, o ensaio tem um espaço importante no periódico, aparecendo desde a sua criação, sendo um local de sugestão e reflexão. Em relação aos ensaios sobre Eça de Queirós, de 1966 a 2016, encontramos no total 31 textos ensaísticos distribuídos em curtos a longos, ou que trazem títulos que exigem do leitor uma (re)significação, já que é necessário, em muitos casos, um retomada a discussões teóricas, contextuais e analíticas já comentadas nos estudos queirosianos anteriores ou que estão em voga, isto é, o leitor dos ensaios do *SLMG* precisa recorrer a outras leituras para que ganhe em significados essa nova leitura dos textos ensaísticos do periódico mineiro.

Em relação ao exposto, a seguir, apresentamos um quadro mais detalhado acerca das produções ensaísticas sobre Eça no *SLMG* no período percorrido. As abreviações que aparecem no quadro representam a seguinte significação, quanto ao cabeçalho:

- P. = página em que foi publicado
- Nº = número oficial estabelecido pela redação do referido suplemento

DATA	TÍTULO	P.	AUTOR	PALAVRAS- CHAVE	Nº
18/out./69	Sobre A cidade e as serras	02	Maria Lúcia Lepecki	Eça de Queirós, A Cidade e as Serras, realismo-naturalismo, O Mandarin, A Relíquia.	164
14/mar./70	Os cães do Padre Amaro	03-04	Heitor Martins	Eça de Queirós, O Crime do Padre Amaro, cães, romance.	185
04/jul./70	O mandarim	07	Edgard Pereira dos Reis	Eça de Queirós, O Mandarin, A Relíquia, A Ilustre Casa de Ramires.	201
08/dez./73	Um conto de Eça: José Matias (1)	08-09	Maria Lúcia Lepecki	Conto, José Matias, Eça de Queirós.	380
15/dez./73	Um conto de Eça: José Matias (2)	04	Maria Lúcia Lepecki	Conto, José Matias, Eça de Queirós.	381
22/dez./73	Um conto de Eça: José Matias – conclusão	08-09	Maria Lúcia Lepecki	Elementos da narrativa, José Matias, Eça de Queirós.	382
18/mai./74	A Cidade e as Serras - I	08-09	Maria Lúcia Lepecki	A Cidade e as Serras, Eça de Queirós.	403
25/mai./74	A Cidade e as Serras - II	06-07	Maria Lúcia Lepecki	A Cidade e as Serras, Jacinto, Eça de Queirós.	404
01/jun./74	A Cidade e as Serras – III	08	Maria Lúcia Lepecki	A Cidade e as Serras, Eça de Queirós.	405
08/jun./74	A Cidade e as Serras - IV	08-09	Maria Lúcia Lepecki	A Cidade e as Serras, Eça de Queirós, classe	406

				aristocrática, sociedade portuguesa.	
19/out./74	Relendo o Eça	08	Paulo Hecker Filho	Eça de Queirós, maior escritor da língua.	425
02/ago./75	Uma possível fonte de A Relíquia	03	Joaquim Montezuma de Carvalho	Eça de Queirós, A Relíquia.	463
13/set./75	A ironia e o “humour” em Machado, Eça e Paço d’Arcos.	08-09	Hennio Morgan Birchal	Romance de costumes, Joaquim Paço D’Arcos, Eça de Queiroz, Machado de Assis.	469
05/ago./78	100 anos de O Primo Basílio	02	Lélia Duarte	Simpósio Comemorativo, O Primo Basílio.	618
30/set./78	O Primo Basílio e seu simpósio	01-02	Lélia Duarte	Simpósio, Centro de Estudos Portugueses, Centenário de publicação, O Primo Basílio.	626
30/set./78	Realismo e ideologia em O Primo Basílio	02-04	Letícia Malard	Eça de Queirós, O Primo Basílio.	626
30/set./78	A Estrutura Narrativa de O Primo Basílio	05	Naief Sáfydy	Técnica de composição narrativa, O Primo Basílio.	626
30/set./78	O Primo Basílio e a Crítica Brasileira	06-10	Wilton Cardoso	O Primo Basílio, críticas, Machado de Assis.	626
30/09/78	Linguagem do Poder e Poder da Linguagem em O Primo Basílio, Lucíola e Terras de Sem Fim	11	Ruth Silviano Brandão Lopes	O Primo Basílio, Lucíola, Terras do Sem Fim.	626
30/set./78	Luísa ou a palavra manifesta – Emma Bovary ou a fruição do verbo	12	Cleonice Berardinelli	Primo Basílio, Madame Bovary, literatura comparada.	626
21/out./78	Centenário de lançamento de O Primo Basílio A Dessublimação em O Primo Basílio e Caetés.	08	Lauro Belchior Mendes	O Primo Basílio, Caetés, o papel da mulher.	629
11/nov./78	Eça de Queirós e Graciliano Ramos	08-09	Letícia Malard	Eça de Queirós, Graciliano Ramos, adultério.	632
18/nov./78	A Família	08-	Wander Melo	O Primo Basílio, Mastro	634

	Teatralizada: O Primo Basílio e Mastro – Don Gesualdo	09	Miranda	Don Gesualdo, crítica, instituição familiar.	
25/nov./78	O Primo Basílio e a Literatura Inglesa	08-09	Ian Linklaler e Aimara Cunha Rezende	Literatura comparada, Eça de Queirós, George Eliot.	634
16/dez./78	A Relíquia e suas desproporções	05	Wilson Castelo Branco	A Relíquia, Eça de Queirós, Cristianismo.	637
19/mai./79	Anotações Didáticas sobre Eça de Queiros: Literatura Portuguesa	08-09	Vicente Ataíde	Divisão da obra, Eça de Queirós.	659
12/abr./80	A Tragédia da Rua das Flores	03	Lélia Parreira Duarte	Eça de Queirós, A Tragédia da Rua das Flores, Os Maias.	706
05/dez./81	Camilo e Eça: A cidade X A Província	05	Célia Berrettini	Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós, novela, romance, cidade, campo.	792
03/jun./82	Aspectos formais e o conteúdo fantástico (Sobre A Relíquia e O Mandarim)	06	Pedro Carlos L. Fonseca	A Relíquia, O Mandarim, Eça de Queirós, realismo, fantasia.	818
08/jun./85	Eça de Queiroz, Relíquia e Santo	04-05	Guilherme Figueiredo	Eça de Queirós, A Relíquia, Conto, Santo.	975
07/set./85	Eça de Queirós Correspondente de Guerra	08	Elza Miné	Eça de Queirós, jornalista, correspondente de guerra.	988

Tabela 1: Ensaio sobre Eça de Queirós no *SLMG*, de 1966 a 2016.

Fonte: Próprio autor, 2017.

Diante do quadro que retrata a presença de Eça de Queirós no *Suplemento Literário de Minas Gerais*, não há como negar a participação significativa do periódico mineiro na divulgação de informações biográficas, críticas e literárias sobre o escritor português na segunda metade do século XX no país. Surgem no periódico nomes conhecidos entre os queirosianos tais como Lélia Duarte, Cleonice Berardinelli, Wilton Cardoso e Elza Miné, só para citar alguns, ilustrando a qualidade das publicações acerca de Eça.

Para este artigo, escolhemos para análise as cinco páginas do ensaio intitulado “O *Primo Basílio* e a crítica brasileira”, do professor Wilton Cardoso, publicadas no número 626, de 30 de setembro de 1978, comemorativo dos 100 anos de publicação do romance *O*

Primo Basílio (1878), com o intuito de ilustrar as discussões importantes que ocorrem no periódico mineiro e que precisam ser retomadas. O número foi organizado por Wilson Castelo Branco com a cooperação de Lélia Duarte, responsável na época pelo “Simpósio Comemorativo do Centenário de Publicação de *O Primo Basílio*”.

Optamos por analisar o ensaio de Wilton Cardoso, pois ele faz um panorama da crítica queirosiana brasileira, internacionalmente reconhecida, como aponta o renomado queirosiano Carlos Reis (2000):

[...] a fortuna brasileira de Eça de Queirós é antiga, diversificada e não isenta de controvérsia. Para ela contribuíram escritores, artistas plásticos, universitários, leitores anônimos e, em muitos casos, uma cultura queirosiana feita de intensa devoção: devoção propriamente literária, gastronômica e comportamental. (REIS, 2000, p. 23).

De acordo com os excertos, o coro de vozes que fala de toda parte – e ao mesmo tempo – e que se multiplica, marca o intenso interesse dos brasileiros por Eça de Queirós, como aponta o ensaio de Wilton Cardoso. Ele ressalta também o contingente rico e diversificado de leituras que foi aumentando gradativamente desde a época do escritor até a data de publicação do ensaio em 1978, mas sabemos que a fortuna crítica sobre Eça no Brasil depois da década de 1970 aumentou significativamente nos jornais e nas universidades.

Para realizar o percurso pela crítica literária queirosiana do país, Wilton Cardoso traça um método descritivo-analítico tomando como base a crítica de Machado de Assis, em 1878, no periódico carioca *O Cruzeiro* e como ela ecoou em críticas sobre a obra queirosiana subsequentes.

Machado de Assis escreveu nos dias 16 de abril e 30 de abril de 1878, no jornal *O Cruzeiro*, do Rio de Janeiro, críticas ao romance *O Primo Basílio*. A crítica de Machado de Assis fora e ainda é tomada com extremo respeito e valorizada na forma como trata a obra queirosiana. Além de ser considerada a responsável pela abertura e divulgação da produção artística do escritor português no Brasil, a crítica machadiana, segundo Paulo Franchetti, também “[...] até hoje orienta a apreciação crítica de *O primo Basílio* no Brasil, sendo citada praticamente toda vez que se analisa o romance de Eça.” (FRANCHETTI, 2000, p. 48). Em relação a isso, Wilton Cardoso (1978) afirma:

Machado era um tenaz adversário do Realismo, como Eça era o seu férvido discípulo, e estavam ambos no exercício de um elementar direito de opção intelectual. Na maneira de conceber e realizar a obra de arte e na justeza dos conceitos empregados na tarefa de a julgar, condenando-a ou

absolvendo-a, é que a crítica literária lhes pede contas, pois Realismo e Anti-realismo não são só por si juízos de valor. (CARDOSO, 1978, p. 7).

De acordo com Cardoso, o texto crítico de Machado de Assis gira em torno da nova tendência literária que surgia na época, o Naturalismo, de Zola. Ademais, o crítico alerta para o tom polêmico da leitura machadiana, pois ao mesmo tempo que ela representaria a melhor crítica, seria também o terreno de batalha entre naturalistas e aqueles que se colocavam contra a nova corrente literária. Para ilustrar isso que Cardoso comenta, é necessário retornarmos às primeiras linhas da crítica de Machado:

Um dos bons e vivazes talentos da atual geração portuguesa, o Sr. Eça de Queirós, acaba de publicar o seu segundo romance, *O Primo Basílio*. O primeiro, *O Crime do Padre Amaro*, não foi decerto a sua estreia literária. [...] *O Crime do Padre Amaro* revelou desde logo as tendências literárias do Sr. Eça de Queirós e a escola a que abertamente se filiava. O Sr. Eça de Queirós é um fiel e aspérrimo discípulo do Realismo propagado pelo autor do *Assomoir*. (ASSIS, 1946 [1. ed. 1878], p. 160-161).

Wilton Cardoso é minucioso no embate entre os dois grandes autores realistas e afirma que Machado desenvolvera a hipótese de plágio ao alegar o caráter imitativo do romance *O Crime do Padre Amaro*. Na verdade, o ensaio revela os dizeres de via de mão dupla entre a crítica machadiana e a carta escrita por Eça de Queirós para Machado sobre a sua crítica.

Eça, ao que tudo indica, aceitou a crítica; mas, em lugar de corrigir o dito do *Primo*, capitulado de cópia, tratou de suprimir o passo correspondente do *Crime*, que era a sua matriz. É claro que, desse modo, a repetição deixava de existir; mas quem ler a crítica e for conferir o romance, na versão definitiva, há de crer que é invenção de Machado à fartura do pormenor, que raia pela exalação de inventário. (CARDOSO, 1978, p. 8).

No ensaio, Wilton Cardoso reitera o ineditismo da crítica machadiana e a sua permanência e validade entre tantas outras. Destaca como Machado construiu a pedra basilar da crítica queirosiana brasileira, especialmente na leitura das personagens de Eça. Há um trecho do ensaio que ilustra isso, mas causa um incômodo na afirmação tão severa acerca de Luísa, dando continuidade às palavras do escritor brasileiro:

É como se vê: em Machado, Luísa é um caráter negativo [...] Não é, pois de estranhar que, uma vez aceita a caracterização da personagem, tal como a definiu o escritor brasileiro, também dele se recolha, entre estudiosos deste e do outro lado do Atlântico, a lição do vazio psicológico com que a heroína participa da história. (CARDOSO, 1978, p. 8).

Nesse trecho, mais uma vez, Cardoso coloca Eça numa posição passiva, esquecendo que o autor português é conhecido por seus jogos de marketing. Até que ponto Eça aceitou mesmo as palavras de Machado? Será que a última versão de *O Crime do Padre Amaro* já não estava pronta em sua escrivania antes mesmo da crítica machadiana?

Wilton Cardoso faz uma crítica detalhada da leitura de Machado de Assis e de como ela sobrevive e perpetua-se até meados do século XX. É um documento analítico que exige demasiado do leitor do *Suplemento Literário de Minas Gerais*, destacando a qualidade de produção e de recepção do periódico mineiro.

Cardoso entende que Machado concebia que a função da literatura era a de desempenhar um papel modelar e não o papel polêmico e de exposição do que entendia ser a hipocrisia burguesa que o escritor português propunha ao adotar o Naturalismo de Zola.

De acordo com Paulo Franchetti (2000), a interpretação da crítica de Machado deve ser realizada tendo em consideração o lugar de onde fala o escritor brasileiro. Desse modo, a leitura sobre a crítica machadiana deve ser entendida e, por sua vez, justificada pelo fato de ele a ter escrito em um período de transição entre o Romantismo e o Realismo no Brasil e de afirmação de uma tradição literária nacional. Destarte, trazendo a visão “[...] de um escritor empenhado na criação de uma tradição cultural no Brasil e que, por isso mesmo, lia o texto de Eça de uma perspectiva muito interessada [...]” (FRANCHETTI, 2000, p. 49), condenando aquilo que considerava inadequado para essa tradição, o que incluía a estética naturalista.

Desse modo, notamos que Wilton Cardoso, apesar de leitura densa e séria, não visualizou as possíveis incongruências na crítica machadiana sobre o romance queirosiano, já que se deve ao fato de que o brasileiro estava vivendo um impasse entre um Machado romântico e outro que nasceria realista. Em outras palavras, Machado de Assis vivia uma crise do ponto de vista literário, de modo que produzira uma crítica dominada por um decoro romântico, mas que já balizava as diretrizes que o norteariam em sua adoção de uma estética realista. Há um trecho no ensaio que coloca a obra de Eça como sendo submissa à de Machado, demonstrando como o ensaísta deixava claro o seu posicionamento professoral de Machado diante de Eça:

Como se sabe, há a tese de que uma segunda fase da obra de Eça de Queirós, a que se segue à publicação de *Os Maias*, é fruto da lição de Machado de Assis. Se assim é, devemos ver na fecundação do mais luminoso artista de Portugal pelo mais profundo espírito do Brasil o símbolo da união das duas pátrias. (CARDOSO, 1978, p. 10).

Ainda sobre a publicação de Cardoso, verificamos que ele cita importantes críticas especializadas em Eça de Queirós, no Brasil, que deram continuidade à crítica machadiana produzidas por Viana Moog, Álvaro Lins e José Maria Bello. Em suma, Wilton Cardoso revisita um grande momento da crítica literária brasileira, visto poder ser lida como a própria invenção do Realismo machadiano e como interlocução privilegiada na formação literária de Eça de Queirós e em sua difusão entre os leitores brasileiros.

Momento marcante que voltou em 1978 para os leitores do Brasil, especialmente, aos mineiros, que realizaram uma bela homenagem ao centenário do romance *O Primo Basílio*, dedicando um número completo do *SLMG* para lembrar a obra de Eça de Queirós. Logo, não é de nosso interesse, neste artigo, destrincharmos os ensaios, mas ilustrar, mediante breve análise de um dos ensaios, a relevância de visitas a acervos e fontes primárias para nos depararmos com polêmicas, comportamentos, crises, teorias, informações e análises que correspondem às necessidades de leitores e pesquisadores vindouros.

Dizer que voltar às páginas do *Suplemento Literário de Minas Gerais* não é relevante, é cair no apagamento da memória e da história de grandes nomes e obras que passaram por periódico tão prestigiado. Também há de se observar que a literatura no espaço da imprensa, mesmo com seu caráter artístico e verossímil, ganha significância aos estudos linguísticos, culturais, históricos, sociológicos e identitários, uma vez que é representativa de um momento histórico, comportamental, idiomático, religioso e político específico de uma época, daí a importância das pesquisas em fontes primárias como os jornais.

Considerações Finais

As fontes da imprensa jornalística variam entre jornais locais, regionais, diários, revistas especializadas, militantes, alternativos ou de humor, que podem ser analisados em seus editoriais, colunas sociais, artigos, resenhas, cartas aos leitores, crônicas, notícias, fotografias, charges, caricaturas e uma infinidade de outras possibilidades. E é diante desse universo complexo e múltiplo da imprensa periódica que está nosso objeto de pesquisa e as várias leituras que ele sugere. No campo da história, essas fontes primárias darão suporte à compreensão da escrita de si desses autores, na elaboração de textos biográficos que narrem as trajetórias desses escritores e, por fim, conhecer o aspecto geracional que eles têm em comum ao comporem um mesmo grupo. No caso da aproximação com a literatura, já está mais do que comprovado que o diálogo entre literatura e jornalismo ocorre com frequência desde o século XIX, por exemplo, grandes personalidades das letras marcaram

presença na imprensa antes de consolidarem-se, como nós vimos com Machado de Assis, no Brasil, e Eça de Queirós, em Portugal.

O papel da crítica é fazer falar o texto literário, visando encontrar as muitas e por vezes contraditórias verdades que emanam das palavras. Assim, foi o papel da crítica queirosiana no *Suplemento Literário de Minas Gerais* entre 1966 e 2016, elucidando, na hoje já clássica obra de Eça de Queirós, sentidos que um leitor comum não encontraria.

As vozes dos ensaístas, que publicaram 31 textos no *SLMG* a respeito do escritor português, revelam a herança literária que Eça deixou no Brasil, herança essa que provoca até hoje leituras diversas tanto em meios acadêmicos quanto de massa.

Os 23 ensaístas se debruçaram sobre a vida e a obra de Eça por meio de diversos olhares – ora de admiração, ora analítico-investigativo, ora descritivo, ora desconfiado – assumindo diferentes perspectivas críticas face ao universo queirosiano. Essas diversas leituras se cruzam, complementando-se, mas também entram em conflito e se tangenciam. Porém, o que elas têm em comum é a legitimação da obra de Eça no Brasil.

A obra de Eça de Queirós revisitada mais de milhares de vezes em torno do mundo, ganha, em solo mineiro, fôlego na segunda metade do século XX e início do século XXI, colocando as gerais no quadro das leituras críticas mais exponenciais do cenário queirosiano.

Recebido em: 30/03/2017

Aprovado em: 16/05/2017

FONTES

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte. 1966-2016. Secretaria Estadual de Cultura, de Minas Gerais e Biblioteca da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Minas Gerais.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor, Wiesengrund. *Educação e emancipação*. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

ASSIS, Machado de. Eça de Queirós: *O Primo Basílio*. In: _____. *Crítica Literária*. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre: W. M. Jackson, 1946, p. 160-186.

CORDEIRO, José Pedro Leite. *Eçaiana. Cronologia das obras de Eça de Queirós*. São Paulo: Empresa Editorial Universal, 1945.

FEITOSA, Rosane Gazolla Alves. A recepção crítica de Eça de Queirós/Fradique Mendes no Pré-Modernismo Brasileiro: Jornal Paulistano *O Pirralho* (1911-1917). *Actas do Congresso de Estudos Queirosianos. IV Encontro Internacional de Queirosianos*. Coimbra: Almedina, 2002, p. 859-867. v.2.

FRANCHETTI, Paulo. Eça e Machado: críticas de ultramar. *Cult.* São Paulo, ano IV, n. 38, p. 48-53, 2000.

GUERRA DA CAL. *Lengua y estilo de Eça de Queiroz*. Apêndice. Bibliografía Queirociana Sistemática y Anotada e Iconografía Artística del Hombre y la Obra. Acta Universitatis Conimbricensis, 1975.

LIMA, Isabel Pires de. Retratos de Eça de Queiroz. Porto: Campo das Letras, 2000.

MATOS, Alfredo Campos. *Sobre Eça de Queiroz*. Lisboa: Livros Horizonte, 2002.

MINÉ, Elza. A recepção de Eça de Queirós no Brasil. In: BERRINI, Beatriz (Org.). *Eça e Machado*. São Paulo: EDUC, FAPESP, Fundação Gulbenkian, 2005, p. 213-224.

RAMALHETE, Clóvis. *Eça de Queiroz*. São Paulo: Livraria Martins, 1960.

REIS, António Simões dos. *Eça de Queiroz no Brasil*. Rio de Janeiro: Zelio Valverde, 1945.

REIS, Carlos. Leitores brasileiros de Eça de Queirós: algumas reflexões. In: ABDALA JÚNIOR, Benjamin (Org.). *Ecos do Brasil: Eça de Queirós, leituras brasileiras e portuguesas*. São Paulo: SENAC, 2000, p. 23-37.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2001.

REIS, Jaime Batalha. Introdução. In: QUEIRÓS, Eça de. *Prosas Bárbaras*. São Paulo: Editora Lello Brasileira, 1970, p. 8.

SÁ, Victor de. *Bibliografia queirosiana*. S.l.: Braga, 1945.

TOLOMEI, Cristiane Navarrete. *A recepção de Eça de Queirós no Brasil: Leituras do século XX*. São Paulo: Scortecci, 2014.